

LEITURAS DA HISTÓRIA: GILBERTO FREYRE SEM ANTERO

MARGARIDA MAIA GOUVEIA

Universidade dos Açores
margaridamaia@uac.pt

Ocorrendo em *Casa Grande e Senzala* várias referências a autores da Geração de 70, a Eça, a Ramalho, a Teófilo Braga, Antero fica na penumbra ou está totalmente ausente. Poderá parecer estranho que um texto da importância das *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* não tenha servido de ponto de partida ou confronto para nenhum juízo de Gilberto Freyre. O prestígio de Antero é suficientemente forte para não poder ser ignorado. Como se sabe, Antero, nas «Conferências do Casino», faz uma análise do processo histórico português nos últimos três séculos. Recentemente, Eduardo Lourenço prefaciou uma reedição das *Causas da Decadência* reavivando esta preocupação nacional e evocando a figura perene do seu autor, considerando aquele texto um marco da modernidade crítica em Portugal¹.

Já Paulo Motta Oliveira em «Gilberto Freyre leitor de Eça»² chamara a atenção para o facto de Antero não ser referenciado, mas estar implícita uma doutrina contrária à de Antero. Terá aquele tido receio de contrariar o pensador português, cujo peso e carisma eram muito grandes? E a ponto de nem ocorrer o nome de Antero, que nem se vê uma só vez no índice remissivo de autores? Não reconhece preparação suficiente a poetas para falar de História? Um Antero apenas confinado aos *Sonetos*? Inacreditável, pois que a personalidade e o pensamento do autor das *Causas* invadem significativamente a Filosofia e a Filo-

¹ QUENTAL, 2008.

² SCARPELLI & OLIVEIRA, 2001: 341-352.

sofia da História, mesmo descontando a paixão de juventude com que analisou os três séculos da decadência (que ele próprio reconheceu, no fim da juventude, na «Carta autobiográfica a William Storck»).

Ambos, Freyre e Antero, cada um a seu modo, são autores de textos doutrinários fundamentais para a interpretação da cultura portuguesa e da conduta histórica do português no mundo. Ambos analisam, do seu respectivo ponto de vista, a acção da colonização portuguesa, os padrões civilizacionais, o papel da religião e do Catolicismo.

A leitura de causas de decadência ou de progresso está evidentemente muito ligada a questões de ponto de vista e de contexto ideológico. Assim, a doutrina de Freyre, valorizando muito positivamente a presença do português e o seu pendor miscigénico, também foi tomada pelo seu contrário, responsabilizando o português e o seu contributo africano pela melancolia e por frustrações da sociedade brasileira. Lembre-se que, segundo Paulo Prado, os portugueses, desde o início, teriam comprometido, com a sua licenciosidade e cobiça, a organização de uma sociedade brasileira progressiva. Licenciosidade e cobiça, refere João Medina interpretando o pensamento de Prado, «dois defeitos iniciais [dos quais] teria resultado a mais grave herança legada ao país futuro pelos colonizadores lusitanos: a citada melancolia, que sucede ao prazer sexual, e à busca desenfreada do oiro»³.

Citando estes argumentos, porém, João Medina «reabilita» e sublinha o ponto de vista de Freyre, que valoriza a «acção do colonizador luso – e da sociedade patriarcal, latifundiária, escravocrata e de monocultura sacarina no Nordeste – assim como uma total mudança da postura em relação à negritude da etnia africana»⁴. Isto é, a aceitação positiva da presença do mulato no Brasil e da adaptação e papel miscigénico dos lusos no trópico. O modelo de sociedade que o português criou no Brasil, com êxito, deveu-se às qualidades herdadas do sangue mouro, da velha convivência medieval, um passado histórico de tolerância e dos *apports* que deu o sangue mouro à História de Portugal. É este passado mouro que permitiu ter sucesso no Brasil.

Sem qualquer alusão às considerações de Antero sobre a originalidade dos povos peninsulares, *Casa Grande e Senzala* desenvolve largamente o tema da grande obra de acção colonizadora dos portugueses. Factores identitários, escravatura e catolicismo são, por assim dizer, categorias de análise segundo as quais ambos analisam o papel de Portugal e ambos se opõem. Em acordo ou em desacordo, Gilberto Freyre nunca cita Antero.

Quando lembramos o célebre juízo de Freyre sobre o povo português, como uma experiência e um passado indefinidos entre Europa e África, é lícito lembrar o que Antero deixou dito na sua conferência: «Nem posso também deixar esquecidos os Mouros e Judeus, porque foram uma das glórias da Península»⁵. Quando Gilberto Freyre afirma que

³ MEDINA, 2002: 109.

⁴ MEDINA, 2002: 109.

⁵ QUENTAL, 2008: 42.

«[n]enhum cristianismo [é] mais humano e mais lírico do que o português»⁶ ou ainda quando diz que no «culto ao Menino-Jesus, à Virgem, aos Santos, reponta sempre no cristianismo português a nota idílica e até sensual»⁷, é difícil não lembrar o que escrevera Antero sobre a tolerância e liberdade criadora do cristianismo medieval, notando que os povos peninsulares adoram com paixão, «mas só [...] aquilo que eles mesmos criam, não aquilo que se lhes impõe. Fazem religião, não a aceitam já feita»⁸. Esta tolerância e esta abertura evidenciadas na Idade Média entre cristãos, mouros e judeus serviriam geneticamente um colonizador português tolerante e humano, em coerência com o passado. Mas, também a este respeito, Freyre não faz referência a Antero.

Difícil não constatar que ambos se pronunciam sobre o espírito de aventura, tão citado a propósito da experiência histórica portuguesa. Antero condena-o, pois que a aventura substitui o trabalho; Freyre, porém, ao valorizar a capacidade para o trabalho-rotina do português no Brasil, não condena totalmente a aventura. Reconhece-a, e até identifica o «lado do pendor para a aventura, característico principal da sua actividade expansionista e imperialista»⁹. No entanto, chega mesmo, e em concordância com a ideologia das *Causas*, a ser crítico em relação à expansão (que Antero vê camonianamente como fonte de desamparos, de dissipação de bens), lembrando a decadência da economia agrária, a improdutividade de uma nação dita comercial, o «mercantilismo roubando braços à lavoura»¹⁰.

Não só por confronto positivo mas também por oposição de pontos de vista, apetece pôr frente a frente Antero e Gilberto Freyre. As consequências morais nefastas da escravatura, a apologia do trabalho livre são sublinhadas por Antero, que conclui mesmo que a «Austrália tem feito em menos de 100 anos de liberdade o que o Brasil não alcançou com mais de três séculos de escravatura!»; que as colónias que os europeus fundaram no Novo Mundo «prosperaram na razão directa do trabalho livre: o Norte dos Estados Unidos mais do que o Brasil»¹¹. A Gilberto Freyre competia então negar este ponto de vista, pois que defende o paradigma da colonização portuguesa: «o trabalho agrícola realizado pelo negro mas dirigido pelo europeu dá à obra de colonização dos portugueses um carácter de obra criadora, original, a que não pode aspirar nem a dos ingleses na América do Norte nem a dos espanhóis na Argentina»¹². A análise freyriana revoluciona a tese de que a supremacia branca era a via de progresso e desenvolvimento. O colonizador do Brasil preferiu a pureza da fé à pureza do sangue. Porque sem sentimentos ou consciência de raça, ao contrário dos

⁶ FREYRE, 1957: 222.

⁷ FREYRE, 1957: 223.

⁸ QUENTAL, 2008: 40.

⁹ FREYRE, 1957: 268.

¹⁰ FREYRE, 1957: 237.

¹¹ QUENTAL, 2008: 86.

¹² FREYRE, 1957: 27.

colonizadores ingleses, o Brasil apresenta uma sintomática superioridade em termos humanos, quando confrontado com a sociedade escravagista da América, que reconhece ancorada na segregação e na repressão. Sobre o perfil do colonizador português regista então:

[...] *um espanhol sem a flama guerreira nem a ortodoxia dramática do conquistador do México e do Peru; um inglês sem as duras linhas puritanas. O tipo de contemporizador. Nem ideais absolutos, nem preconceitos inflexíveis*¹³.

Confronte-se esta passagem com o que escreve Antero:

*Como era possível, com as mãos cheias de sangue, e os corações cheios de orgulho, iniciar na civilização aqueles povos atrasados, unir por interesses e sentimentos os vencedores e os vencidos, cruzar as raças, e fundar assim, depois do domínio momentâneo da violência, o domínio duradoiro e justo da superioridade moral e do progresso?*¹⁴

Antero é defensor de um ideal de civilização em sintonia com o espírito moderno guiado pela vanguarda reformista. Isto é: «é em grande parte à Reforma que os povos *reformados* devem os progressos morais que os colocaram naturalmente à frente da civilização»¹⁵.

Note-se, porém, que, embora interesse particularmente a Gilberto Freyre o aspecto sociológico da colonização do português, não lhe faltam lucidez e objectividade críticas suficientes que o impeçam de reconhecer aspectos menos aceitáveis ou «agressividades» nas consideradas virtudes excepcionais dos colonizadores lusos. De qualquer forma, são pouco menos que exageros, que ficam por isso mesmo aquém das intransigências dos povos reformistas e anglo-saxónicos:

*O imperialismo português – o religioso dos padres, o económico dos colonizadores – se desde o primeiro contacto com a cultura indígena a feriu de morte, não foi para abatê-la de repente, com a mesma fúria dos ingleses na América do Norte*¹⁶.

A colonização portuguesa deu bom resultado, por isso não cai nas consequências funestas dos imperialismos. O termo imperialista em Freyre não é tomado no sentido de qualificação repressiva (violência, repressão, escravatura), usado vulgarmente para

¹³ FREYRE, 1957: 197.

¹⁴ QUENTAL, 2008: 88.

¹⁵ QUENTAL, 2008: 61-62. Acrescenta ainda: «As nações mais inteligentes, mais moralizadas, mais pacíficas e mais industriais são exactamente aquelas que seguiram a revolução religiosa do século XVI: Alemanha, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, Suíça. As mais decadentes são exactamente as mais católicas!» (p. 62).

¹⁶ FREYRE, 1957: 161.

condenar certos povos. Pelo contrário, Portugal foi agente de «um eficiente imperialismo colonizador»¹⁷, e o Brasil foi um «desapontamento para o imperialismo»¹⁸.

Nesta perspectiva, reforça o papel do português, o processo de colonização «unionista no melhor sentido, no que justamente coincidia com o interesse da catequese Católica»¹⁹: «Fez-se da ortodoxia uma condição de unidade política»²⁰, concluiria páginas depois. Contra a opinião de Antero, que tinha uma visão muito combativa no que respeita à Inquisição, reconhecendo inclusive que «[o] efeito moral dos trabalhos dos missionários (tantos deles santamente heróicos!) era completamente anulado por aquela ameaça constante do terror religioso»²¹, o sociólogo brasileiro enceta uma acérrima defesa da Companhia de Jesus, exaltando o catolicismo como eixo decisivo para a unidade do Brasil, destacando o catecismo, a liturgia católica e a língua ‘geral’, esta um óptimo auxílio da língua portuguesa.

Curiosamente, o papel da religião é fundamental para os dois pensadores. Mas, se para Freyre, o «Catolicismo foi o cimento da [...] unidade do Brasil»²², para Antero, a grande interrogação impõe-se: «a nós, espanhóis e portugueses, como foi que o catolicismo nos anulou?»²³.

O que em Antero serve de pretexto para a apaixonada crítica histórica e censura de oportunidades perdidas, em Freyre é a valorização do trabalho desenvolvido pelos portugueses, contido no mesmo tempo histórico criticado por Antero. Digamos que, de certo modo, e em alguns momentos, Antero e Gilberto Freyre têm pontos de vista em posições do avesso: o que um considera defeito, o outro considera virtude. A célebre conferência de Antero aborda aspectos de actuação do português da colonização que, explorados negativamente por Antero, são-no positivamente por Freyre. É a velha questão das qualidades dos defeitos e dos defeitos das qualidades. Onde Antero vê escravatura, Freyre vê miscigenação; onde Antero viu abafamento da cultura local, Freyre louvou a implantação de uma civilização europeia nos trópicos. Digamos ainda um pouco retoricamente, mas para pôr de acordo os contrários, que nas qualidades dos defeitos dos portugueses estão, afinal, as razões do seu triunfo no Brasil.

Um problema fundamental que se põe após a leitura de *Casa Grande e Senzala* é o grau de europeização na colonização portuguesa do Brasil. A Europa estará presente através de Portugal, que já não é um exemplo puro de país totalmente europeu. Lembremos mais uma vez o carácter híbrido do português, o ser «povo indefinido entre Europa e a África», e as «bons» resultados que o sociólogo brasileiro regista na colonização do Novo Mundo, levando-o a escrever:

¹⁷ FREYRE, 1957: 194.

¹⁸ FREYRE, 1957: 200.

¹⁹ FREYRE, 1957: 41.

²⁰ FREYRE, 1957: 197.

²¹ QUENTAL, 2008: 89.

²² FREYRE, 1957: 40.

²³ QUENTAL, 2008: 70.

*Uma circunstância significativa nos resta destacar na formação brasileira: a de não se ter processado no puro sentido da europeização. Em vez de dura e seca, rangendo do esforço de adaptar-se em contacto com a indígena, amaciada pelo óleo da mediação africana. O próprio sistema jesuítico – talvez a mais eficiente força de europeização técnica e de cultura intelectual e moral, a agir sobre as populações indígenas; [...]*²⁴.

Se nos reportarmos a Antero, Portugal também não é um bom exemplo de povo europeu. Questionada a realidade histórica-cultural portuguesa, o seu atraso, a apatia anímica, a resposta reformadora toma forma de um apelo a um Portugal mais europeizado, da justiça social, do proudhonismo, um Portugal regenerado pelo espírito moderno. Na verdade, o que se procura com as Conferências do Casino (di-lo na conferência-programa) é pensar nos grandes problemas comuns a toda a Europa culta. Este desiderato mostra como a geração de Antero vivia com os olhos postos além Pirenéus e como a preocupação europeia não é do século XX nem só posterior à mudança operada com o 25 de Abril. Será, porém, por conveniência argumentativa das respectivas teses que Antero e Gilberto Freyre apresentam uma visão díspar relativamente ao peso de europeização de Portugal: o primeiro critica negativamente o facto de Portugal se ter distanciado da modernidade europeia; o segundo vê na indefinição Europa/África e na flexibilidade de acção, que acolhe o negro no processo de co-colonização, uma premissa singular na formação da sociedade brasileira

Somos *imperfeitamente* europeus mas temos sido *desejavelmente* europeus. E teremos por isso transportado alguma alma europeia para o Brasil, o que nos parece incontestável. A sociedade escravocrata do Nordeste, a acção cosmopolita de D. João VI transformando o Rio numa cidade europeia, as ligações culturais, as imitações literárias, até a busca de editores, em Lisboa e Coimbra nomeadamente, notáveis correspondentes como o Eça da «Gazeta de Notícias» – não é tudo isso Portugal, a Europa através de Portugal? E não foi a Geração de 70 que mais ambicionou no século XIX a europeização de Portugal, trazendo-o para as conquistas da civilização, da ciência, do progresso da democracia, sempre vistos de forma eurocêntrica?

Comprovadamente leitor de pensadores e escritores da Geração de 70, Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, omite completamente qualquer referência a Antero, conferencista das «Causas da Decadência dos Povos Peninsulares». Independentemente do sentido, na altura revolucionário, de Antero, e de pontos de vista ideológicos diferentes, que acentuam, num ou noutro sentido, aspectos do mesmo fenómeno, causa estranheza, como se disse, que o nome de Antero jamais seja citado.

Quem diria, porém, que em *O Outro Amor do Dr. Paulo*, semi-novela de 1977, cerca de quarenta anos depois, Gilberto Freyre citaria Eça de Queirós a sobrevalorizar o pensa-

²⁴ FREYRE, 1957: 61.

mento histórico de Antero? Com efeito, o autor de *Casa Grande e Senzala* lembra uma conversa de Eça em casa de Eduardo Prado nos seguintes termos:

Eça de Queirós tinha alguma razão quando dissera uma vez, no apartamento de Eduardo Prado, em resposta ao reparo de um brasileiro de que o Brasil precisava de ter um Eça de Queirós: «O Brasil já tem um mestre nesse gênero de literatura que é Machado de Assis. O Brasil precisa é de grandes pensadores e historiadores que o analisem e o interpretem. Precisa, tanto quanto Portugal precisou, de um Antero, de um Oliveira Martins, de um Ramalho Ortigão. Precisa muito de um Oliveira Martins»²⁵.

Fica assim atestado o reconhecimento de quanto Portugal deve a essa geração que, em graus e por formas diferentes, pensou o ser português, no passado, no seu presente e no futuro. Destaca sobretudo as ousadias *historiológicas* de Oliveira Martins, mas não deixa de mencionar o reconhecimento indesmentível do papel de Antero de Quental.

E no conjunto de ensaios com o título *Alhos e Bugalhos*, publicados em 1978, Freyre tem ocasião de referir-se a Antero de Quental, mas apenas numa perspectiva de síntese da importância dessa geração europeizante que quis revolucionar Portugal. Ao procurar o escritor mais densa e profundamente português do século XIX, concluiu que «[e]sse título só poderá tocar, por fortes motivos, a Eça ou a Antero, a Oliveira Martins ou mesmo a Ramalho, com toda a sofisticação que por algum tempo os afastou de Portugal e os artificializou em «europeus» e «cosmopolitas» [...]»²⁶.

Freyre parece avocar para si próprio um protagonismo semelhante ao da Geração de 70, e muito em especial ao de Oliveira Martins. O Brasil já tem Machado de Assis para confrontar com Eça. Faltam-lhe, porém, outras equivalências, nomeadamente e em especial a de Oliveira Martins: falta-lhe *tanto quanto Portugal precisou, de um Antero, de um Oliveira Martins, de um Ramalho Ortigão. Precisa muito de um Oliveira Martins*. Não pensaria ele, Gilberto Freyre, que poderia preencher essa lacuna? Ser um Oliveira Martins da História do Brasil?

Não nos restam dúvidas da admiração de Freyre pela relevância intelectual e cultural da Geração de 70, isto é, como intelectuais individualmente considerados e como grupo ou geração na sociedade portuguesa oitocentista. No entanto, continua a parecer-nos de sublinhar um menor grau de atenção que o sociólogo brasileiro deu a Antero e às *Causas da Decadência*. Mas também não nos ficarão dúvidas de que o texto de Antero e a interpretação da acção colonizadora de Portugal por Gilberto Freyre ficarão ambos na história do pensamento sobre o papel do português no mundo.

²⁵ FREYRE, 1977: 193.

²⁶ FREYRE. 1978: 24. Continua a referir-se à Geração de 70 portuguesa, ocorrendo-lhe de vez em quando o nome de Antero, cujas ideias sobre a História e a decadência do povo português não são particularmente analisadas. O título do artigo, de resto, é apenas «Eça, Ramalho como renovadores da literatura em língua portuguesa».

Bibliografia

- FREYRE, Gilberto (1957) – *Casa grande e senzala*. Lisboa: Livros do Brasil.
- (1977) – *O outro amor do Dr. Paulo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editores.
- (1978) – *Alhos e bugalhos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editores.
- MEDINA, João (2002) – *A «revolução quase copernicana» de Gilberto Freyre: o auto-retrato luso-brasileiro do Brasil em Casa grande e senzala*. In «Clio». Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- QUENTAL, Antero de (2008) – *Causas da decadência dos povos peninsulares*. Lisboa: Tinta da China.
- SCARPELLI, Marli Fantini & OLIVEIRA, Paulo Motta (2001) – *Gilberto Freyre leitor de Eça*. In «Os centenários: Eça, Freyre e Nobre». Belo Horizonte: FALE/UFMG.